Emergência climática:

povos indígenas chamam para a cura da Terra!

SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS 2024

Revisão: Daniela Silva Huberty, Jasom de Oliveira e Sandro Luckmann
Projeto gráfico e diagramação: Kath Xapi Puri
Ilustrações: Wanessa Ribeiro

O caderno da Semana dos Povos Indígenas é produzido anualmente pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), por meio do seu programa Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN), com o protagonismo de autoras e autores indígenas.
A FLD tem como missão *defender o direito à existência com vida boa de toda a diversidade*.

Em www.comin.org.br você encontrará mais materiais para aprofundar esta temática. Caso queira falar conosco, entre em contato pelo e-mail: formacao@comin.org.br
Nos siga nas redes sociais: @fld_act e @comin.oficial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K39e Kerexu, Juliana.
Emergência climática : povos indígenas chamam para a cura da Terra! / Juliana Kerexu, Cristiane Julião ; organização: Kassiane Schwingel. – Porto Alegre : Fundação Luterana de Diaconia : Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.
32 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-93033-22-3

1. Mudanças climáticas. 2. Impacto ambiental - Indígenas. 3. Meio ambiente - Preservação - Políticas públicas. 4. Educação ambiental. I. Julião, Cristiane. II. Schwingel, Kassiane. III. Título.

CDU 551.588.7

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 8/10213)

Juliana Kerexu
Cristiane Julião
organização:
Kassiane Schwingel

Emergência Climática:
povos indígenas chamam para a cura da Terra!

Algumas palavras...

Damos as boas vindas neste material que, embora trate de um assunto complexo e triste, quer ser fonte de esperança e fortalecimento para as lutas que ainda estão por vir. Nós, Cristiane Julião e Juliana Kerexu, pertencentes aos povos Pankararu e Mbyá Guarani, respectivamente, construímos este caderno com o desejo de que mais pessoas despertem para o assunto e, principalmente, passem a agir para o enfrentamento da emergência climática.

Sabemos que muitas pessoas que acessam este material são docentes, então fizemos um esforço didático para que seja possível compreender as questões elementares sobre o que já se chamou de mudanças climáticas e, hoje, chamamos de emergência climática. Acreditamos que os espaços de educação, sejam eles escolares ou não, indígenas ou não, são fontes de reflexões e promotores de ações que podem muito contribuir para enfrentar vários problemas vividos no presente.

Organizamos o material por capítulos, onde buscamos, inicialmente, defender o uso do termo "emergência climática", evidenciando que vivemos uma situação limite. Em seguida, trazemos, de forma simples, o conceito de emergência climática e, logo depois, falamos sobre como as consequências desse fenômeno têm nos atingido, especialmente enquanto povos indígenas, o que está vinculado ao racismo ambiental. Também apontamos o quanto as consequências vão além de nós, mostrando que todas as pessoas já estão sendo impactadas. Fechamos mostrando que nós, povos indígenas, temos apontado as saídas para esta emergência, desde ações que temos desenvolvido em nossos territórios até repensar a relação das pessoas com a natureza de forma mais profunda. Aproveitamos para fazer um chamado de apoio, evidenciando que a demarcação de nossos territórios e o respeito ao nosso modo de vida são fundamentais para o enfrentamento da emergência climática.

Trazemos, neste material, algumas palavras e ideias construídas coletivamente, assim como é nossa vida enquanto indígenas. A partir da escuta das pessoas mais velhas, dos exemplos de luta no chão de nossas aldeias e até da observação das crianças, que também nos ensinam, nos dispomos a compartilhar sabedoria de vida. É essa sabedoria que pode evitar o caminho sem volta do colapso climático e ambiental.

Desejamos que este material possa contribuir nas reflexões de cada uma e cada um que o receber e, especialmente, possa incentivar para ações práticas. Desejamos que você receba o nosso chamado, que é um chamado pela vida, por todas as vidas! Desejamos que este chamado lhe movimente e lhe aproxime de outras pessoas comprometidas e engajadas nesta luta.

Cristiane Julião, povo Pankararu. Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Faz parte da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), é co-fundadora da Articulação Nacional de Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA), representa o Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI) no Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGen/MMA) e está como Coordenadora da Câmara Setorial das Guardiãs e dos Guardiões da Biodiversidade (CSG).

Juliana Kerexu, povo Mbyá Guarani. Cacica da Aldeia Tekoa Takuaty na Terra Indígena Ilha da Cotinga em Paranaguá (PR). É mulher terra da ANMIGA, coordenadora Tenonde na Comissão Guarani Yvyrupa, coordenadora executiva na APIB, escritora, ativista e professora de língua Guarani.

Mudanças, crise ou emergência? O que nós, povos indígenas, afirmamos sobre o clima

A natureza, há muito tempo, tem nos dado sinais de que as ações humanas contra o equilíbrio natural estão tomando proporções que a nossa mera existência não irá suportar. Tem nos alertado que é possível buscar e manter o equilíbrio por toda nossa existência. Mas controlar é algo perigoso quando se subestima o que pensamos conhecer. Esse tipo de exercício de autonomia humana acaba por desafiar forças imensuráveis, sobretudo, e primariamente, desafia a natureza.

A partir da ideia "somos diversas, naturezas diversas", nós, humanas e humanos, precisamos aceitar que nossas diversidades não se sobrepõem às diversidades de outras vidas. Se simplesmente usarmos nossa própria vontade para fazer o que quisermos com e na natureza, seremos todas e todos cobradas e cobrados por nossa arrogância, egoísmo e prepotência. Por outro lado, há outras maneiras mais harmônicas de usarmos o livre arbítrio, partindo exatamente do elemento-chave chamado: respeito!

Para nós, povos indígenas, respeitar a natureza é garantir equilíbrio em todas as fases e contextos de nossas vidas. É ter paz de espírito por saber que nossa força ancestral é a nossa condução, onde primamos pela sintonia de nossas ações. Assim, repassamos esses saberes, fazeres e dizeres de geração em geração, para além do espaço demarcado que conhecemos por território, considerando ainda que o território simbólico é algo muito maior.

Dito isso, há pelo menos 20 anos, nós, povos indígenas, temos alertado o mundo sobre a destruição da natureza e sua sociobiodiversidade. Temos alertado sobre as mudanças no clima que já vinham alterando não só o calendário cultural e alimentar mas, igualmente, aquele calendário ligado aos rituais tradicionais,

mostrando como estavam diferentes a cada semestre. A esse movimento chamou-se de “mudanças climáticas”, mas a recepção sobre esse problema crescente parece não ter chamado muito a atenção da maioria da população não indígena.

Cada vez mais convivendo com as mudanças climáticas em nosso cotidiano, nós, indígenas, tão logo nos demos conta desses efeitos nocivos, mais uma vez chamamos a atenção da sociedade como um todo, alertando que não se tratava mais de mudanças no clima, mas de crise. Entramos numa espiral perigosa e letal com a crise climática, de modo que nós temos intensificado esse chamamento mundial para respeitar a natureza, afinal nossa existência depende dela, mas ela não depende de nós.

Os ecos de nossas vozes e até mesmo dos efeitos naturais catastróficos que temos visto ainda parecem ser insuficientes para desconstruir um mundo que gira em torno do mercado/consumo, onde a responsabilidade ambiental é sempre da outra pessoa, nunca de si. A crise climática acendeu um alerta sobre as mudanças nos ciclos e círculos naturais que vêm aumentando exponencialmente, trazendo morte e destruição por todos os lados e para todas as pessoas, sobretudo as mais fragilizadas socioeconomicamente. Mudanças, crise e agora emergência, substantivos que nos levam a perceber uma cronologia desses efeitos e o quanto está cada dia mais grave os duros rompimentos dos ciclos e círculos da natureza.

Talvez nós, povos indígenas, estejamos falando em emergência climática porque já estamos vivendo esta emergência em nossos territórios há tempos. Enquanto essa questão ainda é percebida como algo distante por parte da sociedade não indígena, já é sentida com muita força nos nossos territórios, questões que são visíveis a olho nu, como os desmoronamentos, chuvas em excesso, poucas chuvas ou nada. Essas mudanças drásticas acabam afetando diretamente o modo de vida de nossos povos, que vivem seus modos tradicionais conforme o tempo da natureza, desde questões práticas até outras mais cosmológicas. Por exemplo, o ano novo do povo Guarani começa com a chegada da primavera e esta é anunciada pelo pássaro Urutau. Normalmente, no final do mês de agosto ou começo do mês de setembro, o Urutau começava a cantar, anunciando a primavera, a chegada do ano novo. Porém, nos últimos tempos, temos visto um desequilíbrio com a chegada da ave ainda no final do mês de julho. O que pode ser uma mudança pouco expressiva para outros povos, para o povo Guarani deixa evidente o desequilíbrio na natureza e rompe a própria lógica do seu calendário milenar. Se perceber como parte da natureza nos deixa, enquanto indígenas, muito mais vulneráveis a essas alterações.

O que é a emergência climática?

A emergência climática que vivemos é a situação em que é necessária uma ação urgente para reduzir ou impedir totalmente a mudança no clima do planeta, bem como prevenir os danos ambientais trazidos por estas mudanças, sendo que eles podem ser irreversíveis. Porém, para agir corretamente, é preciso entender o que tem ocasionado a mudança climática e como funciona o planeta que habitamos.

A Terra, como planeta, é regulada, dentre outras coisas, pela concentração de gases de efeito estufa. Esses gases são naturais e muito importantes para manter o planeta em uma temperatura habitável e que garanta condições de vida para toda a natureza, incluindo as pessoas. Porém, a intensificação do efeito estufa traz desequilíbrio ao planeta e isso ocorre por dois fatores principais:

1. A sociedade atual possui um sistema energético baseado na queima de combustíveis fósseis, especialmente carvão, petróleo e gás. Ao serem queimados, esses combustíveis fósseis emitem CO_2 e metano para a atmosfera, o que representa hoje 2/3 (dois terços) das emissões feitas pelas pessoas (emissões não naturais). De 1950 até os dias atuais, a população mundial aumentou em três vezes, já a emissão desses gases, através do sistema energético, aumentou em sete vezes.

2

O sistema alimentar predominante na sociedade corresponde a 1/3 (um terço) das emissões de gases, visto que é baseado no consumo de carne. Com isso, há emissão de metano pelos rebanhos de ruminantes, há derrubada das florestas para pastagens, investimento em grandes plantações para produção de ração animal (especialmente soja) e perda da biodiversidade. Hoje, grande parte da soja produzida destina-se à ração animal e a maior parte do desmatamento da Floresta Amazônica tem por objetivo criar pastagens.

Com o excesso de gases de efeito estufa, a consequência é o desequilíbrio no planeta, com menos gases saindo do que entrando, gerando retenção. Com isso, há um aumento na temperatura do planeta e no nível do mar, fazendo com que, a cada três anos, estejamos batendo um novo recorde de calor.

Não nos basta pensar só o que é a emergência climática hoje pois, como nos ensinam nossas velhas e nossos velhos, é preciso entender a raiz dos problemas. É muito importante compreender que o modelo de sociedade que vivemos, construído a partir da colonização, é o que tem nos levado a esta situação de emergência. Portanto, não vamos conseguir enfrentar a emergência climática sem enfrentar suas raízes, suas causas verdadeiras.

Conhecendo as causas e compreendendo o problema, podemos reconhecer alguns impactos que surgem como consequências deste processo: secas, enchentes, elevação do nível do mar, picos de calor, poluição e insegurança alimentar. A tendência é que, caso a situação não seja encarada como uma emergência, esses fenômenos sejam cada vez mais intensos e extremos, aproximando-se de um ponto de não retorno.

A emergência climática nos impacta mais! Isso é racismo ambiental!

Os maiores impactos da emergência climática são percebidos no desequilíbrio dos elementos naturais refletidos pela destruição de ecossistemas e biomas. A intensidade desses eventos naturais desconfigurou o que conhecemos como estações do ano e faz com que estejamos vivenciando fenômenos cada vez mais profundos em sua força. Entre chuvas e ventanias, ainda não podemos dizer o que são ações extremas, ninguém pode afirmar se de fato estamos mesmo lidando com toda a força da natureza.

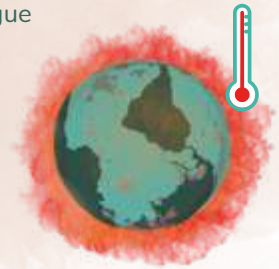
Nós, povos indígenas, sentimos mais porque estamos diretamente ligados à natureza, à vivência que se conecta com as estações, com as fases da lua, o tempo de fazer as cerimônias tradicionais que depende da chegada da primavera ou a chegada do inverno, sentindo, com mais força, a cada ano que passa. Sem uma floresta em pé para equilibrar as temperaturas, somos afetadas e afetados diretamente em nosso modo de vida. Como diz **Telma Taurepang:** "nós já cuidamos, nós fazemos muito, mas o mundo ocidental ainda não parou para ver que eles causam a mudança climática".

Esses impactos têm nos atingido desde o "desmatamento colonial", partindo por toda costa atlântica e avançando por todos os demais biomas.

Desse modo, não somente os povos indígenas têm sentido essas incidências, como todas as pessoas de povos e comunidades tradicionais e, de outras maneiras, também nos espaços urbanos/urbanizados. É muito importante destacar esse processo histórico: a emergência climática foi construída ao longo de séculos de exploração dos territórios, desrespeito à natureza em suas diferentes formas e genocídio de populações indígenas que tinham e têm outra relação com a natureza. Tendemos a enxergar os processos em curto prazo, mas as práticas realizadas desde a chegada da colonização neste território têm afetado a mãe Terra, interferindo nos ciclos naturais e inviabilizando modos de vida.

Hoje sentimos os impactos de diversas formas, mas há nelas algo em comum: nossa relação com a natureza é de maior proximidade, nos entendemos como parte da natureza, o que faz com que os impactos atinjam diretamente nossas vidas. Veja o exemplo:

O povo Guarani que está no bioma da Mata Atlântica, no Brasil vivendo nas regiões Sul e Sudeste, sente a mudança no tempo de plantio e da caça. Com o desequilíbrio na natureza, esses tempos também sofrem alterações e também os fenômenos extremos ficam frequentes, interferindo na segurança alimentar: vemos plantações de mandioca perdidas, batatas doces apodrecendo por excesso de chuvas, o avaxi (milho) que não consegue se desenvolver por falta de chuvas. Mas os impactos não estão apenas na questão de segurança e soberania alimentar, também em outros aspectos da vida, como em muitas Tekohá onde, há dois anos, não se consegue ter a colheita do milho para a cerimônia do nhemongarai (batizado).



O tempo das estações está mudando demais, as florestas pegando fogo por ausência de chuvas e temperaturas muito altas, aldeias sendo alagadas por muitas chuvas causadas por ciclones, tempestades fortes que são incomuns e que acabam causando muitos transtornos. Muitas vezes, temos tido perda total de plantações e moradias, assim causando também interferência no modo de vida de cada povo espalhado por este território ancestral.

Como afirmam as lideranças indígenas na Carta dos Povos Indígenas da Bacia da Amazônia a presidentes, escrita durante a Assembleia dos Povos da Terra pela Amazônia:

"[...] povos indígenas são os mais afetados pelo aquecimento global e seus impactos, tais como as enchentes, secas e deslizamentos de terra, entre outros, e que, apesar disso, encontramos tempo e disposição para liderar a luta contra as mudanças climáticas."

O fato de que todos esses impactos já sejam sentidos e vivenciados com tanta intensidade por nós, povos indígenas, também possui uma relação direta com o **racismo ambiental**. Esse conceito, usado pela primeira vez em 1981 pelo ativista negro Benjamin Franklin Chavis Jr, refere-se à carga desproporcional de impactos ambientais que recaem sobre determinados grupos étnicos já vulnerabilizados. Em outras palavras, os riscos e danos da emergência climática atingem muito mais populações negras e indígenas.

Foi o racismo estrutural que nos expulsou de nossos territórios, negou nossos modos de vida, violentou nossos corpos e hoje nega nosso retorno aos territórios tradicionais. É o racismo institucional que tem nos impedido de participar das discussões e decisões sobre os rumos de nossa sociedade desde a invasão

colonial. É o racismo cultural que faz com que muitas pessoas ainda nos enxerguem como povos menos evoluídos, primitivos e não reconheçam nossa contribuição para a vida no planeta. E é o racismo ambiental que nos faz ser o grupo mais impactado pela emergência climática, não somente na floresta ou em nossos territórios demarcados, mas também nos espaços urbanos onde normalmente nos cabem as regiões mais vulneráveis e insalubres.

Se voltarmos a olhar para as principais causas da emergência climática, que são o sistema energético e o sistema alimentar, veremos que não é justo que sejamos nós quem mais sofra os danos da emergência climática. Não somos nós quem defendemos uma sociedade cujas máquinas e carros não podem parar de queimar combustíveis em busca de lucro. Não somos nós quem defendemos que vale destruir a natureza para produzir soja e gado, mantendo um sistema de monocultura que inviabiliza outros modos de produzir e sobreviver. "Os corpos indígenas estão tombando ao lado das plantações de monocultura, muitas vezes envenenados e nem assim são vistos." **Paulina Martines, do povo Avá Guarani**. Porém, temos sido nós os primeiros povos a vivenciar com força os efeitos dessas escolhas políticas e econômicas que reverberam na natureza, desde a invasão no período colonial.

Você, pessoa não indígena, também é impactada!

Talvez, ao ler o texto até aqui, você possa ter ficado com a impressão de que a emergência climática é um problema nosso: povos indígenas, comunidades tradicionais, grupos étnicos mais impactados pelo racismo ambiental. Porém, você também já deve estar vivendo os impactos da emergência climática no seu dia a dia.

Alguns exemplos práticos nos ajudam a identificar os danos que já estão sendo vividos: secas e incêndios que não aconteciam comumente, ondas de calor extremo em diversas regiões do planeta, maior incidência de ciclones, além de chuvas torrenciais e enchentes que trazem uma série de consequências diretas na vida das pessoas. Às vezes, um desses sintomas da emergência climática ocorre em determinada região, mas seus efeitos são sentidos em regiões distantes, como no emblemático caso da fumaça e fuligem que tomaram conta de São Paulo devido aos incêndios florestais na região Amazônica em setembro de 2022.

Para além das consequências imediatas e visíveis, há uma série de fatores que se desenvolvem a partir dos impactos imediatos. Por exemplo, nosso modelo energético baseado em fontes altamente poluentes

e nossa opção pela agropecuária que desmata acentuam o processo de poluição de águas e da própria terra, expondo, cada vez mais, as pessoas à comida, água e ar envenenados e poluídos. Como consequência, estamos cada vez com maior exposição a doenças.

Legalmente falando, a própria Constituição Federal traz, em seu art. 225, o direito ao "meio ambiente ecologicamente equilibrado". Em 1998, foi promulgada a Lei de Crimes Ambientais. Desde 1605 até o presente momento, temos um arcabouço legal que assina a obrigação do Estado e o dever de todas as pessoas de cuidar do meio ambiente. Ou seja, antes de tudo, viver em um planeta saudável, com natureza respeitada e ecologicamente equilibrada, é um direito seu, nosso.

No entanto, a questão legal parece não intimidar tantas violações ambientais e sugere uma percepção de impunidade para esses crimes. Nos resta, então, apelar para a sensibilização sobre as principais ameaças que promovem o desequilíbrio, que são, em sua maioria, reversíveis se as ações conjuntas para preservar, conservar, manejar "em nome do progresso" estejam guiadas pela força espiritual da natureza em sua plenitude.

Assim como todas as pessoas são e serão afetadas cada vez mais pela emergência climática, também todas as pessoas precisam se envolver no enfrentamento. Para além de repensar seus hábitos de consumo e práticas diárias, é preciso envolver-se em ações coletivas que visem cobrar práticas de respeito à natureza por parte das empresas e governos. Se cada pessoa se comprometesse a acompanhar o que acontece em seu bioma, já teríamos muitos avanços.

Todas e todos nós vivemos em um bioma brasileiro, embora muitas pessoas nem saibam em qual bioma vivem e como esse funciona. Quem está no **Pantanal**, viveu nos últimos tempos a força do fogo que devastou a maior planície alagada que temos. Quem está na **Amazônia**, vê a terra sangrar com o garimpo que enche de mercúrio os rios e adoece as pessoas. Quem está no **Cerrado**, vê o desmatamento aumentar de maneira avassaladora, mesmo sem ter ainda se curado dos crimes ambientais de Mariana e Brumadinho. Quem está na **Caatinga**, nota a falta de espécies de plantas que não sobrevivem mais no bioma pelo aumento da temperatura. Quem está no **Pampa**, vê os projetos de grandes empreendimentos avançarem sem o cuidado com os impactos ambientais. Quem está na **Mata Atlântica**, já vive no bioma que perdeu quase a totalidade de suas florestas. Todas as pessoas já sentem as mudanças climáticas e ainda convivem com os fatores que as agravam, porém poucas têm conseguido reagir frente a isso.

Nós que mais sofremos também apontamos as saídas para a emergência!

Estar diretamente nos territórios e acreditar que vivemos dividindo esses espaços com as “donas e donos” das matas, das águas, dos animais e das pedras nos faz perceber, muito nitidamente, os efeitos da emergência climática. A mudança no comportamento da Terra, da fauna e flora é rapidamente associada às alterações do clima, porque as chuvas e os ventos têm sido, a cada dia, mais comunicativos. Fortes, fracos ou ausentes, esses fenômenos nos têm advertido sobre o quanto as ações humanas contra o meio ambiente ecologicamente equilibrado podem ser nocivas para nós todas e todos.

Quando nós falamos em “escutar” a natureza, estamos falando da conexão que se aprofunda como raízes se espalhando pelo território ancestral. Essa conexão é, diariamente, cultivada através do cuidado e respeito à natureza: toda árvore, a água, nossa terra. Respeitar a natureza para que ela esteja saudável é uma forma de vislumbrar um futuro, pois, sem a natureza, as pessoas não existem; já a natureza vive sem as pessoas! Nós olhamos para a terra como sendo quem nos acolhe e quem nos dá alimentos, então pensamos em como impactar o mínimo possível para que possamos ter um futuro.

Nós, povos indígenas, temos a solução, temos tecnologias tradicionais que podem servir como exemplos para uma vida mais sustentável, para conseguirmos curar a mãe Terra que está adoecida por uma visão capitalista. Adoecida por uma produção desordenada sem preocupação alguma com a terra e com a natureza. Adoecida pelo agronegócio que mata com o seu veneno, que mata com seu discurso de um mundo de desenvolvimento insustentável que só tira: tira da terra sem pensar no amanhã!

Nossa relação com a natureza é de respeito, escuta e observação. São essas três categorias que nos dão orientações sobre como gestar nossos espaços e até

para além deles, entendendo que, para todas as coisas, há diversas conexões, sobretudo cosmológicas. Ao nos percebermos como mais uma e mais um nesses espaços, também precisamos entender nosso lugar, atentando-nos aos ciclos da vida (quando há uma temporalidade) e aos círculos da vida (por ser tudo consecutivo).

Nossa principal defesa para sairmos do estado de emergência climática é outra relação com a natureza, o território e o planeta. Essa relação diferenciada que nós temos é construída desde nossa gestação, quando elementos da natureza fortalecem nossas mães em preparação para o parto, quando ainda crianças aprendemos que tudo tem espírito, quando recordamos nossas histórias que mostram que nós também aprendemos com os animais. Para além do universo cosmológico, construímos essa relação com a natureza na prática: respeitando os ciclos de recuperação de plantas e da terra, deixando frutas nas árvores para os pássaros, possibilitando que, em nossos territórios, existam diversas espécies.

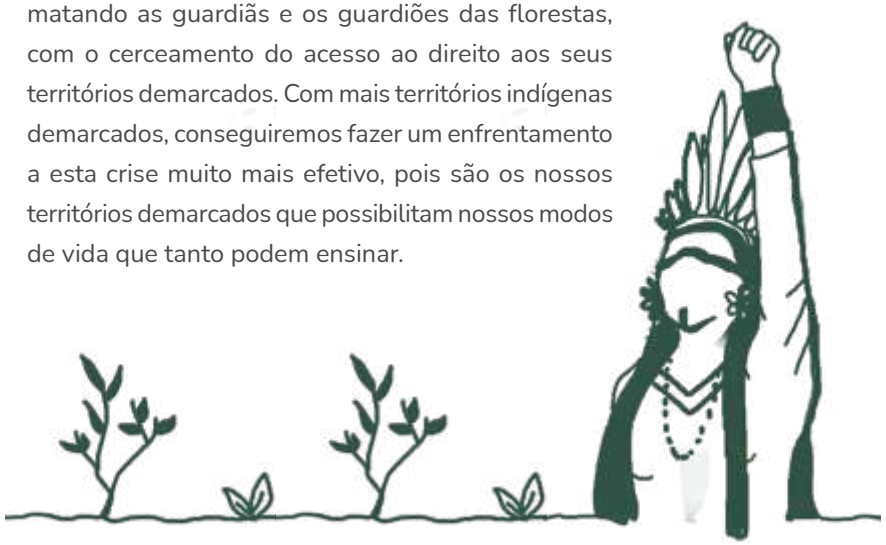
As Terras Indígenas demarcadas têm prestado um grande serviço a toda população, visto que é nelas que estão protegidas 80% da biodiversidade do planeta (ONU). Manter a biodiversidade do planeta em uma sociedade onde a busca pelo lucro costuma estar acima do cuidado com a natureza é tarefa difícil. Como alerta a indígena **Vanda Witoto:**

"O mundo, por exemplo, olha para a Amazônia por satélite. O mundo olha para a Amazônia com olhar de satélite, por cima, só consegue enxergar o verde e a beleza dos rios. Mas a vida das pessoas aqui embaixo, que não conseguem ser olhadas, elas têm sido impactadas e ninguém cuida das pessoas. As pessoas querem proteger as árvores, o rio, mas não cuidam das pessoas que protegem as árvores e o rio.

A vida destas pessoas é mais importante, pois são elas que mantêm a floresta em pé, são elas que conseguem proteger um rio a partir desse modo de vida de respeito com a natureza, o meio ambiente, a fauna, a flora, tudo que nos cerca. Porque a gente compreende que somos parte, que nós somos ela, que a gente está conectado em todos os sentidos da vida".

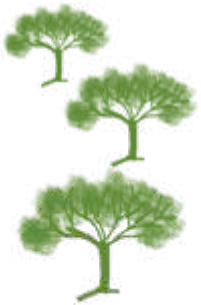
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=HRVanwHpRPk

Para enfrentar a emergência climática, a sociedade como um todo precisa se convencer desta urgência e olhar com atenção para o que nós temos dito. Para além de nos escutar, precisamos de apoio popular em nossas lutas. O racismo ambiental é real e está matando as guardiãs e os guardiões das florestas, com o cerceamento do acesso ao direito aos seus territórios demarcados. Com mais territórios indígenas demarcados, conseguiremos fazer um enfrentamento a esta crise muito mais efetivo, pois são os nossos territórios demarcados que possibilitam nossos modos de vida que tanto podem ensinar.



"Nós entendemos que nossa principal bandeira de luta é a Terra, nossa Mãe Criadora. Sem a Terra, não temos água, não temos natureza, não temos alimentos. Não temos vida! Essa Terra também é casa, são nossas comunidades e que através dEla nós temos acesso a políticas públicas, à dignidade e à possibilidade de praticar o bem viver indígena. Um estilo de vida nosso, próprio e autônomo, que nos permite viver cultural e tradicionalmente seguros. Então, lutamos pela demarcação dos territórios, pela segurança em nossas comunidades, pela efetividade dos nossos direitos e pelo fortalecimento das ações de investigação que tratam dos atentados que constantemente vivemos em nossas aldeias." **João Victor, do povo Pankararu.**

Para além de resistir em nossos territórios, temos participado das discussões sobre emergência climática a nível mundial, sempre buscando políticas de mitigação, adaptação, resiliência e financiamento.



"Nós temos vários debates, várias proposituras. Viemos alertando a comunidade internacional de forma mais incisiva desde a Eco92, nós temos pautado governos e alertado a sociedade civil sobre as mudanças climáticas e os povos indígenas. Pontuamos a necessidade do cumprimento destas metas que foram

colocadas nestes acordos e tratados internacionais, que não vêm sendo cumpridas por nenhum país. E que estas metas já não são ambiciosas. Nos últimos dois ou três anos, povos indígenas têm estado no centro do debate com apoio financeiro para potencializar a proteção de todos os ecossistemas em políticas públicas, mas estes recursos não têm chegado na ponta. Povos indígenas não têm os acessado para potencializar o que nós já fazemos no nosso modo de vida, que é a proteção dos territórios e de todos os ecossistemas." **Dinaman, do povo Tuxá.**

Falar de emergência climática é dar conta de muitos assuntos que se desdobram em tantos outros. Como não daremos conta de tudo, trazemos uma fala de **Shirley Krenak** para instigar ainda mais as reflexões:

> "Eu sempre falo que a gente precisa colocar como principais pautas de discussão esses projetos que se dizem ambientais, mas que, na verdade, são projetos ambientais falseados, como crédito de carbono, energia eólica, energia solar... E demais projetos que estão surgindo como 'lítio verde', mas que, na verdade, não tem nada de verde, mas sim de destrutivo. São pautas que realmente precisam ser levadas mais a sério no âmbito de mostrar a verdadeira realidade, principalmente dos povos indígenas e comunidades tradicionais que estão sendo impactados diante destes projetos ambientais falseados.
>
> Quando nós falamos de mundo, nós falamos de um todo ambiente, de um todo humanidade, falamos de um todo que se encontra dentro de nós 24 horas por dia. E, no decorrer do tempo, a sociedade deixou de pensar neste todo que a gente tem dentro de nós e acabou esquecendo disso e pensando num 'eu' sozinho de uma forma individualista. E aí, quanto mais essa força individualista cresce no ser humano, mais destrutivo ele se torna. Destrói mais, não olha o que está ao seu redor, mas olha o poder da ganância, deixando seu ego subir à cabeça e assim se torna um ser humano que destrói.
>
> Mas, diante de toda a força ancestral dos povos indígenas, nós lutamos muito para levar para a sociedade que nós somos terra e água 24 horas por dia e, à medida que a humanidade não se lembrar disso, as coisas diante da mãe Terra vão ficando mais difíceis. Então, uma das maiores intenções dos povos indígenas é que a humanidade possa ter entendimento do valor espiritual, ancestral que a terra e os rios e mares têm para nós. Rios, mares, terra estão em nós 24 horas por dia. Nós comemos terra e bebemos água todos os dias. E quando foi que a sociedade parou de pensar nisso?".

Um chamado pela vida!

Este material que elaboramos, as falas que fazemos nos espaços de discussão e tomada de decisão, as inúmeras mobilizações que fazemos no chão do mundo e no chão de nossos territórios são ferramentas de luta! Nossa luta por territórios demarcados, águas limpas, mãe Terra respeitada e natureza preservada é, na verdade, um grande chamado pela vida!

Não estamos pensando apenas nas nossas vidas indígenas, mas estamos defendendo a possibilidade de vida para qualquer pessoa. Demarcar nossos territórios é uma das saídas para a emergência climática em que todas e todos nós nos encontramos! Nossas práticas tradicionais, desenvolvidas e aplicadas há milênios, baseiam-se no cuidar da nossa casa, que é a natureza. Se hoje se fala em produção sustentável de alimentos, em desenvolvimento sustentável ou então em uso sustentável de matérias-primas que a natureza disponibiliza, nós já temos essas práticas em uso. Por esses saberes e modos de ser que afirmamos: aldeias de pé, florestas de pé!

Assistimos nossos biomas serem queimados e com nossas próprias forças buscamos apagar o fogo. Vimos nossos territórios serem rasgados pela mineração, arrendamento ilegal e garimpo irresponsáveis e colocamos nossas vidas em risco para denunciar esses crimes. Choramos ao ver a mãe Terra ser envenenada e povos inteiros sendo dizimados por uma ganância desenfreada de quem só pensa no lucro. A ganância e a irresponsabilidade são as grandes causas da morte da natureza!

Nós, povos indígenas, sabemos que, para enfrentarmos de maneira concreta e com rapidez a emergência climática, precisamos que velhos problemas sejam enfrentados, especialmente o colonialismo e o racismo! Esta visão colonial e racista que faz com que grande parte da sociedade não nos escute, não nos reconheça e, com isso, deixe de ver em nós as soluções para sairmos desta emergência. Este colonialismo e racismo que, historicamente, nos tiraram dos territórios, desrespeitaram nosso corpo, que também é território, e exploraram, de maneira desenfreada, a natureza. É urgente superar a visão de um ser capaz de dominar a natureza e compreender o que nós temos dito há muito tempo: nós somos a natureza, e apenas uma pequena parte dela.

"Nós, povos indígenas, somos a sustentação da sobrevivência do planeta! A vida não se negocia, a biodiversidade não tem segunda chance. Compreendemos que a vida é a maior riqueza e, por isso, manifestamos pela proteção da Terra e dos povos que a preservam. São nossos saberes e nossos fundamentos ancestrais que irão salvar a humanidade. Não é somente uma crença, é cultural! Apresentamos ao mundo um projeto para um modo de vida alternativo e soberano. Gritamos e ressoamos o reflorestarmentes para que, de uma vez por todas, nosso direito à vida seja conquistado com base na natureza e na ancestralidade" **Sônia Guajajara.**

Não temos mais tempo e não teremos mais nada para defender caso não sejam feitas as mudanças de usufruto desta terra agora. A sociedade não indígena precisa buscar aprender com os povos indígenas, pois não temos um plano B, não temos outro planeta. Nós, povos indígenas, temos a cura para a mãe Terra.

De Ju Kerexu

Povos árvores ancestrais
Povos raízes...
Povos troncos...
Povos galhos...
Povos folhas...
Povos flores...
Povos sementes...
Somos elas e eles que já estiveram aqui...
Somos Povos que aqui viveu, vive e viverá...
Somos povos que voam das copas das florestas...
Somos povos fazendo ecoar os cantos sagrados, pelas florestas adentro...
Somos povos fazendo danças que faz tremer o chão das florestas...

Somos povos biomas...
Somos muitos, já fomos muito mais...
Somos a força e resiliência que mantêm intocáveis...
Somos povos raízes, que estão fincados neste território sagrado...
Somos povos raízes espalhados pelo território ancestral "Brasil"...
Somos povos raízes profundas que a cada dia se afirmam, reafirmam e aprofundam a cada dia o conhecimento ancestral...
Somos raízes, troncos, galhos, folhas, flores e sementes, que se espalham através dos ventos que os ancestrais sopram...
Somos povos, somos linguagem, somos culturas, somos danças, somos cores, somos muitos, somos todas e todos os ancestrais que aqui viveu, vive e viverá!

Somos povos indígenas, somos povos originários.
Vivemos e resistimos há mais de 522 anos.
Salve a força dos ancestrais que está vivo e viverá em nós!
Salve a força, espiritualidade dos povos!

ISBN: 978-85-03033-22-3

CIMI
CONSELHO DE MISSÃO ENTRE POVOS INDÍGENAS

FLD
projetos de vida
actaliança

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Brot für die Welt

ELM Hermannsburg
Partner in Mission